

2ª menção honrosa: Uma galinha chamada GiseRda - Dona da GiseRda -
Andréa Inês Goldschmidt

Uma galinha chamada GiseRda

Dona da GiseRda

UFSM, subsolo do prédio 17, 13 horas e 15 minutos, 30°C. Estávamos aguardando o início da aula de zoologia sobre vertebrados. Tudo estava calmo e transcorria tranquilamente.

Os colegas iam chegando e, no aguardo para o início da aula, saboreávamos a magnífica sobremesa, vendida baratinho: um chocolate delicioso, com recheios variados, vendido por um dos funcionários que trabalhava no departamento de zoologia. Ainda sinto o aroma achocolatado de sabor angelical, geladinho e com gosto de “quero mais!”

Subsolo do mesmo prédio, 13 horas e 30 minutos, os mesmos 30°C. Espiamos pelo fundo corredor escuro e avistamos a professora abrindo a sala de aula. Entramos todos juntos e ali sentamos, amortecidos pela gostosura da sobremesa. Aquelas tardes pareciam maravilhosas. Hoje compreendo que se deve em parte pela enaltecida produção de serotonina após o uso indiscriminado do chocolate, o que provavelmente fazia com que o cérebro ativasse a sensação de prazer e de bom humor, motivo para que lembremos felizes daquelas tardes saudosas no subsolo do 17.

Naquela tarde em especial, algo inusitado na aula, a professora lançou o grande desafio: Montagem de Esqueletos de Animais. Primeiro a distribuição dos grupos, claro que levando em conta os fiéis companheiros. Após todos os grupos estarem formados, a professora proferiu todas as recomendações possíveis para a execução da tarefa e igualmente todos os possíveis cuidados que deveríamos ter ao administrarmos substâncias tóxicas, com a finalidade de desossarmos um animal e branquearmos os ossos, para somente então nos aventurarmos na montagem do esqueleto. Que, diga-se de passagem, era bem clara a principal norma, emitida em alto tom:

- FIDEDIGNOS AO ESQUELETO!!!

14 horas e 30 minutos, o calor já parecia ter aumentado. Estávamos ansiosos pela proposta, e talvez até os níveis de serotonina já tivessem de fato baixado. Então, a professora virou-se para a turma e determinou o sorteio dos animais, os quais deveriam contemplar os grupos dos *chordatos*: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. O único exemplar fornecido pela professora era um bugio morto, congelado! Espero que não armazenado na mesma geladeira dos chocolates!

Meu grupo iniciou no seu íntimo uma torcida forte, pois queríamos montar as aves! Ora, sem dúvida montar uma galinha devia ser fácil! Afinal, comemos galinha com razoável constância, então já estávamos muito familiarizados com seus ossos. Não deu outra! “Que grupo sortudo!” Pensei. Ficamos, naquela tarde, responsáveis pelo esqueleto de uma galinha!

Detalhe: estávamos familiarizados com partes desse bichinho curioso e, na maioria das vezes, desmembrados em pedaços que compõem o nosso almoço. E, se lembrarmos da “galinha explodida” do RU, com certeza tentar juntar aqueles pedaços poderia ser um desafio para o mais Nerd que já tenha cruzado pelos corredores da UFSM.

15 horas e 30 minutos, término da aula. O grupo reuniu-se novamente no subsolo para tramar a sua mais especializada façanha. Primeiro, precisávamos de uma galinha inteira. Fácil, poderíamos recorrer ao aviário da universidade. Combinamos, então, de nos encontramos no outro dia no aviário, e lá fomos.

13 horas e 27 minutos do dia seguinte, no aviário da UFSM, 32°C, aguardando a chegada de um funcionário. Chegou logo após e pediu-nos que aguardássemos um pouco que iria nos atender. Após uns 10 minutos, nos atendeu e explicamos a situação e por que precisávamos de uma galinha inteira.

Foi muito tranquilo, logo entendeu e nos respondeu:

- Podem levar! – “Barbada!”, pensamos. Não precisávamos nem correr atrás do bicho, ele mesmo nos trouxe pelos pés, apesar de o bicho estar gritando alto sem parar. Ao querer nos entregar, iniciaram os conflitos. Teríamos que levar aquele bicho vivo pelo campus? Não era bem o que estávamos pensando. Queríamos a ave já

executada, de preferência sem as penas e já limpa! Creio que o funcionário não nos entendeu tão bem, como pensávamos no início. E, fornecendo um saco branco, disse:

- Levem o bicho! Como vão fazer é por conta de vocês!

Nos olhamos, e não houve dúvidas naquele momento. Nós mesmos teríamos que matá-la, mas igualmente ficou claro que nenhum de nós tinha qualquer experiência neste sentido. Já tínhamos ouvido falar sobre o assunto, mas, sem dúvida, não tínhamos a oportunidade que teríamos nos dias de hoje, de recorrer ao Google, e assistir a um *youtube* para tal feito. Desta forma, não podíamos contar com esta tecnologia, por isso a coisa era baseada mesmo no que cada um sabia. Assim, sentamos embaixo dos eucaliptos próximos ao aviário, com a galinha viva dentro de um saco branco e cada um de nós proferia algumas ideias:

- Temos que amarrar as pernas da galinha e pendurar de cabeça pra baixo e aí é só cortar!

- Não mesmo! O negócio é deixar a galinha meio grogue, pendurada de cabeça para baixo, segurar o pescoço e então, virá-lo de lado. Mas não podemos quebrar!

- Não! Não vai funcionar! Já vi o meu pai matando galinha!

Isto sim me pareceu uma experiência real! E ouvimos atentos toda aquela explicação de como deveríamos proceder:

- Meu pai segurava a galinha no meio das pernas e puxava com força o pescoço, virando para o lado. Aí, dava um corte no pescoço e colocava limão após cortar a jugular, para coagular.

Ah! Agora sim, algo de fundamento. Um de meus colegas sabia cientificamente todos os passos e detalhes possíveis. Maravilha! Estávamos salvos!

Foi unânime a aprovação, por parte do grupo, para nossa colega, “expert” no assunto, matar a galinha. Após algumas tentativas de tamanha crueldade, o negócio era buscar ajuda especializada.

15 horas, dia da matança. Um calor infernal! Níveis de euforia altíssimos. Nível de serotonina dos mais baixos possíveis. Decidimos percorrer o campus com aquela galinha dentro do saco e o destino era óbvio: alguém no departamento de zoologia que pudesse nos ajudar.

15 horas e 20 minutos, chegada ao subsolo do prédio 17. O único funcionário no momento era o que vendia chocolates. Ótimo, descobrimos mais uma de suas habilidades. Matava galinha como ninguém, foi rápido e indolor. Pelo menos para nós. Quanto à pobre galinha, serviu à Ciência. Tivemos uma aula a respeito, e o funcionário nos ensinou magistralmente a matar, depenar e limpar o bicho. Pegamos a galinha agora morta dentro do saco e fomos ao terminal de ônibus, em direção ao centro.

16 horas, 1º andar, próximo ao terminal da Vale Machado, cozinha do meu apartamento. Enquanto eu e mais uma colega preparávamos o bicho para fervura, os outros dois integrantes do grupo foram à farmácia buscar as soluções necessárias, dada as recomendações da professora.

Quando retornaram, já estávamos com a galinha fervendo para retirar o excesso de carne. Após esta “limpeza”, colocamos a solução de peróxido de hidrogênio, nas concentrações determinadas pela professora. O fedor que aquilo exalava era algo inimaginável. Terrível, embriagava a casa toda! O pior é que foram vários dias de fervura, porque os ossos não são todos iguais, e havia muitos ossos frágeis, além de conter partes cartilaginosas. O maior problema é que aprendemos isto com a pior das experiências: destruimos algumas partes do esqueleto com a fervura.

22 horas. Três dias após o início da fervura da ave. Estávamos agora com os ossos já esbranquiçados, removido todo o tecido, mas tínhamos um novo problema: não contávamos mais com o esqueleto inteiro. Colocamos os ossos sobre uns panos de prato, na mesa da sala, e só lembrávamos das palavras da professora: fidedignidade, fidedignidade ao esqueleto!!!

A solução veio mais fácil do que esperávamos. Precisávamos completar o esqueleto e iríamos comprar uma galinha assada, do mesmo tamanho do exemplar que tínhamos, e estaria tudo solucionado.

Foi sem dúvida uma ótima ideia! Difícil foi medir as galinhas assadas que estavam sendo vendidas no estabelecimento. Mas, enfim, achamos o exemplar e até o vendedor nos ajudou muito e ficou comovido com nossa situação. A professora nunca soube desta parte da história, pelo menos até o dia de hoje.

No outro dia, após saborearmos o frango assado, com todo o cuidado, resgatamos o nosso maior interesse ao consumirmos a deliciosa carne: os ossos. Tínhamos um esqueleto completo!

Montamos o exemplar e, confesso, ficamos orgulhosos. Para a foto de recordação, preparamos uma bolsa vermelha, a qual penduramos no úmero da nossa galinha GiseRda (assim batizada) e expusemos o nosso troféu na data e horário marcado, garantindo a nota esperada.